

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: SUBSÍDIOS TEÓRICOS, OU UMA PRÁTICA EFETIVA?

VALDIRENE G. DUARTE¹; GILSENIRA DE ALCINO RANGEL²

1Universidade Federal de Pelotas¹-valsinhagd@gmail.com

2Universidade Federal de Pelotas²- gilsenira_rangel@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

A conferência Mundial em Educação Especial organizada pelo Governo da Espanha junto a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), reafirma o direito à educação para todos, "Dentro das escolas inclusivas, crianças com necessidades educacionais especiais deveriam receber qualquer suporte extra requerido para assegurar uma educação efetiva" (UNESCO, 1994). De acordo com a declaração de Salamanca, a educação inclusiva seria o modo mais eficaz de construir a solidariedade entre crianças com necessidades educacionais especiais -NEE- e seus colegas. Ainda de acordo com a declaração de Salamanca, o princípio fundamental da escola inclusiva, é incluir todas as crianças, com deficiência, superdotadas, de rua, resumidamente, todas as crianças desfavorecidas ou marginalizadas por qualquer motivo, e sugere que para isso acontecer, é necessário que se desenvolva uma pedagogia centrada na criança, considerando as necessidades e diferenças de cada um, para que haja sucesso na educação de todos.

Segundo CARVALHO (2010, p.22), Inclusão não é negar as diferenças, enquanto condição singular de cada pessoa e sim dar oportunidades iguais para todos, apesar das diferenças e das necessidades que as acompanham. O objetivo desse trabalho é verificar se os direitos das crianças com NEE contidos na lei, são efetivados através de práticas inclusivas, especialmente nas escolas privadas, através da visão dos pais, neste caso da mãe de uma criança incluída. A entrevistada é uma profissional da educação, mas apesar disso, ela expõe suas opiniões na visão de mãe embasadas em situações vivenciadas por sua filha com SD em seu cotidiano escolar.

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido a partir de um estudo de caso, através de uma pesquisa qualitativa, na forma de entrevista semi-estruturada, contendo 9

questões referentes a inclusão da criança com deficiência na escola regular. A entrevista foi gravada, transcrita e analisada. Escolhemos apresentar as discussões referentes à questão nº 5, que é a seguinte: "Na sua opinião, existem aspectos positivos e negativos na inclusão de crianças com deficiência na escola regular? Se sim, quais?" Utilizaremos o nome fictício "Maria", para nos referirmos a filha da entrevistada que tem SD.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados apresentados, indicam alguns aspectos positivos, entre eles, está o fato contido na literatura, de que todos ganhariam com a inclusão. As crianças sem deficiência, desenvolveriam a solidariedade ao prestarem diferentes tipos de ajuda aos colegas com deficiência e a criança com deficiência, se sente amparada, inserida, fazendo parte do todo, o que eleva a auto-estima e a torna mais feliz. Além disso, a criança com deficiência se espelha nos colegas, aspira ser como eles, o que a faz chegar mais longe, pois quer fazer o que os colegas fazem, o que ajuda a desenvolver o seu potencial. A entrevistada diz que certa vez, uma professora deu uma folha de atividade para os colegas de "Maria", e para ela deu meia folha, ela contestou, dizendo que queria uma folha igual a dos colegas. E mesmo a professora dizendo ter feito aquela atividade especialmente para ela, não a convenceu. Na hora do recreio, "Maria" entrou na sala, amassou a folha, largou em cima da mesa da professora, e pegou uma folha igual a dos colegas, colocou na sua mochila e voltou para o recreio. Quando a professora viu o que tinha acontecido, pediu desculpas à mãe de "Maria", pois percebeu que não estava ajudando na sua inclusão. A atividade poderia (e até deveria) ser diferenciada, mas de modo que não fosse percebida. A mãe considera positivo a filha ter recusado uma atividade diferenciada, pois isso prova que "Maria" entende que é parte de um todo, portanto, deseja receber as mesmas atividades do grupo. Foram elencados também vários aspectos negativos, como o fato de as crianças sem deficiência, após algum tempo, cansarem de prestar ajuda aos colegas com deficiência. Muitas vezes as crianças sem deficiência ridicularizam as crianças com deficiência, dando ordens para que façam coisas humilhantes, além de ofendê-las com palavras pejorativas que depreciam e rebaixam a auto estima. A entrevistada conta que a filha já foi convidada a lamber o chão em duas escolas, além de outras coisas absurdas.

Ela acredita que isso ocorra também na escola de educação especial, dividindo as crianças em grupos de diferentes deficiências, pois segundo ela o incentivo a essa segregação pode até partir dos pais, e diz ainda: "Acredito que toda escola regular ou especial, por lidar com seres humanos, muitas vezes pode ter essa questão da diferença bem aceita ou não". Outro aspecto negativo está no fazer pedagógico dos professores que muitas vezes não enxergam a criança com deficiência, não percebem que ela necessita de um tempo maior e de uma atividade diferenciada. Nesse sentido, existem dois extremos: Ou a criança se sente incapaz por não conseguir realizar as tarefas, ou apesar de não conseguir realizá-las, responde coisas que ela sabe que não tem nada a ver com as questões, e mesmo assim atinge a média. Isso torna a criança cada vez mais desmotivada a desenvolver seu potencial, pois percebe que se esforçando ou não, o professor a aprova, quando deveria elaborar atividades menos complexas para que ela pudesse desenvolvê-las, promovendo o seu desenvolvimento intelectual. Dessa forma o professor não engana somente a criança, (que sente que está sendo enganada) mas também a si mesmo. A entrevistada conta que certa vez a filha "fez" uma dissertação de uma única linha, que mal se podia entender, e tirou dez, o que a deixou indignada, não hesitando em questionar a escola se eles iriam passar a sua filha, ou ensiná-la, então a coordenação substituiu a dissertação por uma atividade mais simples, que "Maria" conseguiu realizar e tirar 8,5. Outro aspecto negativo, é que a criança com deficiência além de ser muitas vezes invisível pedagogicamente para os professores, é invisível também para os colegas, pois apesar de atualmente tratarem "Maria" com respeito, não a enxergam na formação dos trabalhos em grupo, nem em eventos sociais, pois apesar de enviar os convites dos aniversários da filha para todos os colegas, a mãe diz que "Maria" jamais recebeu um convite de aniversário dos colegas. Ela acompanha a movimentação dos colegas combinando os trabalhos em grupo, (e mesmo quando ela teoricamente faz parte de um grupo) o seu nome é incluído nos trabalhos, mas ela não. E quanto aos aniversários não é diferente, diz a mãe de "Maria", ela acompanha os colegas distribuindo convites, combinando festas, e deseja muito participar, mas não é vista socialmente por eles.

4.CONCLUSÕES

Os resultados deste estudo de caso sugerem que apesar de existirem aspectos positivos na inclusão, os aspectos negativos se sobressaem. Podemos constatar que a inclusão da criança com deficiência na escola regular é um longo caminho, que ainda tem muito a ser trilhado. Percebemos que a inclusão para ser considerada eficaz, precisa ocorrer em todos os níveis: social, emocional e pedagógico. Incluir é tratar a pessoa com deficiência com igualdade nos aspectos sociais e emocionais, porém oferecer-lhe um tratamento pedagógico diferenciado, individualizado de acordo com as necessidades específicas de cada um, para que todos possam desenvolver seu potencial intelectual chegando a aprendizagem, somente assim a inclusão será plena.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, R. E. Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico.
Porto Alegre: Mediação, nº3. p.22. 2010.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. *Necessidades Educativas Especiais - NEE*
In: Conferência Mundial sobre NEE. Acesso em: Qualidade UNESCO.
Salamanca/ Espanha: UNESCO 1994. Disponível em:
<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001393/139394por.pdf> Acessado em 12 de julho de 2015 à 01:35 hs